

PUBLICADO EM 26 PAÍSES

RICHARD BACH

Autor dos best-sellers *Fernão Capelo Gaiivota* e *Ilusões*

HIPNOTIZANDO
MARIA



INTEGRARE
EDITORA





CAPÍTULO UM

JAMIE FORBES pilotava aviões. De tudo o que fizera, era só o que importava desde que abandonara a faculdade, tempos atrás, e tirara o brevê. Se a coisa tinha asas, ele a amava.

Pilotou caças na Força Aérea; não ligava muito para a política, para as obrigações adicionais nem para a estranha ausência de horas de voo. Decidiu sair antes do tempo, quando isso lhe foi oferecido.

As companhias aéreas não quiseram saber dele. Certa vez fez uma entrevista e acabou eliminado pelas perguntas no exame para piloto.

“1. Se tivesse de escolher, você seria uma árvore ou uma pedra?

2. Qual cor é melhor, vermelho ou azul?”

Essas ele não respondeu, porque não tinham nada a ver com pilotar.

“3. Os detalhes importam?”

– Claro que não – disse ele. – O que importa é aterrissar com segurança, sempre. Quem liga se você engraxa os sapatos ou não?

Resposta errada, descobriu, depois que o examinador o encarou e respondeu:

– Nós ligamos.

Mas há muito que fazer na aviação, fora pilotar caças e aviões comerciais. Há os voos fretados, os voos corporativos e o negócio dos voos panorâmicos; há a pulverização de plantações, os shows de acrobacias aéreas, o monitoramento de dutos e as fotografias aéreas; há o transporte de aeronaves a fazer; há os *banners* aéreos para puxar, os planadores para puxar, os paraquedistas para levar lá nas alturas e depois soltá-los no céu; há as corridas aéreas, os voos com equipes de televisão, os voos para reportagens sobre as condições de trânsito, os voos policiais, os testes de aviões, pilotar aviões de carga e mambembar velhos biplanos por campos de feno. E o ensino, lógico; há sempre gente nova chegando com o mesmo destino de voar por sua conta... sempre existe a instrução de voo.

Ele fizera tudo aquilo ao longo da vida. Nos últimos anos se tornara instrutor de voo, e dos bons,

segundo o provérbio de que os melhores instrutores se conhecem só pela cor do cabelo.

Não que ele fosse um cara da velha guarda, saiba você, nem que não tivesse mais nada para aprender. Só tinha reunido naquelas décadas sua cota de horas de voo, que agora chegavam a doze mil. Não era um tempo nem enorme, nem pequeno. O suficiente para Jamie Forbes aprender a humildade.

Por dentro, porém, ele continuava sendo aquele garoto louco para pilotar qualquer coisa em que pudesse por as patinhas.

Era assim que as coisas continuariam a ser, sem interessar a ninguém, não fosse o que aconteceu em setembro passado. O que ocorreu então pode não importar para algumas pessoas; para outras, mudará suas vidas da mesma forma como mudou a minha.



CAPÍTULO DOIS

NA ÉPOCA, ele achou que tinha sido coincidência. Jamie Forbes estava pilotando seu Beech T-34 do estado de Washington até a Flórida, transformando o inverno em verão em seu trabalho de treinamento de pilotos ao embicar o nariz para sudeste durante dezesseis horas de voo, quatro de cada vez.

O T-34, se é que você não conhece, foi a primeira aeronave que a Força Aérea confiou a um cadete, anos atrás: um avião monomotor de asa baixa, com dois assentos, um atrás do outro, propulsão a hélice e potência de 225 cavalos. A cabine é igual à de um caça, por isso a transição de piloto em treinamento para piloto de caça seria fácil para os novos alunos.

Ele jamais teria imaginado então, enquanto marchava e estudava, memorizava *checklists*, o código Morse e as regras da aerodinâmica, que anos depois

seria dono de um daqueles aviões, e ficaria consideravelmente convencido como os civis ficam quando põem as mãos em uma máquina militar supérflua.

Seu T-34 de hoje, por exemplo, tinha motor Continental de 300 cavalos, hélice de três pás, painel de instrumentos com equipamento de navegação que nem sequer tinha sido inventado na época em que aquele avião era novidade, camuflagem azul-celeste e insígnias restauradas da Força Aérea. Era uma aeronave bem projetada e uma maquininha ótima de pilotar.

Voou sozinho, de Seattle, pela manhã até Twin Falls, em Idaho. Partiu de Twin Falls ao meio-dia e passou por Ogden e Rock Springs rumo a North Platte, em Nebraska.

Aconteceu a uma hora de North Platte, vinte minutos a norte de Cheyenne.

- Acho que ele morreu!

Era a voz de uma mulher pelo rádio.

- Alguém aí está me ouvindo? Acho que meu marido morreu!

A transmissão dela estava a 122,8 megaciclos, a frequência Unicom dos aeroportos pequenos; sua voz era alta e clara: não devia estar muito longe dali.

Ninguém respondeu.

– Você consegue fazer isso, senhor Forbes. – Soava calma e paciente, aquela voz inesquecível, com um toque sulino.

– Senhor Dexter? – disse ele em voz alta, atônito. Era seu instrutor de voo de quarenta anos atrás, uma voz que ele jamais iria esquecer. Ele lançou um olhar rápido para o espelho, checando o assento de trás. Estava vazio, é claro.

Não havia outro som a não ser o do motor barulhento e suave que seguia em frente.

– *Alguém me ajude, ele morreu!*

Ele apertou o botão do microfone.

– Pode ser, senhora – disse Jamie Forbes –, mas também pode ser que não. A senhora consegue pilotar esse avião sem ele.

– *Não, nunca aprendi!* Juan está caído perto da porta, ele não está se mexendo!

– É melhor nós pousarmos logo, então – disse ele, escolhendo o “nós” porque já estava pensando no que ela diria em seguida.

– *Não sei pilotar um avião!*

– Certo – disse ele –, então nós dois vamos pousar esse avião juntos.

É um acontecimento muito raro um passageiro assumir o controle quando o piloto está incapac-

tado. Sorte de todos eles que era um bonito dia para voar.

– Sabe como funcionam os controles, senhora? – perguntou ele. – Com os quais a senhora movimentava o manche e estabiliza as asas?

– Sim.

Aquilo tornou tudo mais fácil.

– Só mantenha as asas estabilizadas, por ora.

Ele lhe perguntou quando e onde eles haviam decolado e para onde estavam indo, virou para leste e, bingo, um minuto depois viu um Cessna 182 abaixo a dez horas, um pouco mais à frente da asa esquerda do T-34.

– Vamos virar só um pouco para a direita – disse ele. – Estamos vendo a senhora.

Se o avião não se virasse, ele não a veria de jeito nenhum, mas fez uma aposta e ganhou. As asas se inclinaram.

Ele mergulhou na curva feita por ela e saiu ao seu lado, deslizando em uma formação a cinquenta pés de distância.

– Se olhar para a sua direita... – disse ele.

Ela olhou, e ele acenou para ela.

– Tudo vai ficar bem agora – continuou ele. – Vamos fazer vocês chegarem ao aeroporto e em terra firme.

– *Não sei pilotar!*

Quando ela disse aquilo, as asas se inclinaram mais, na direção dele.

Ele se inclinou com ela, dois aviões fazendo uma curva juntos.

– Isso não será nenhum problema, senhora – disse ele. – Sou instrutor.

– Graças a Deus – disse ela, fazendo o avião se inclinar ainda mais.

– Melhor virar esse manche para a esquerda – falou ele. – Não muito, é só virar um pouco com firmeza e suavidade para a esquerda. Isso estabilizará o voo de vocês.

Ela olhou para a frente, virou o manche e as asas do Cessna se estabilizaram.

– É isso aí – disse ele. – Tem certeza de que nunca pilotou antes?

A voz dela veio mais calma:

– Já vi Juan pilotando.

– Bom, a senhora prestou mesmo atenção.

Ele descobriu que ela sabia onde ficava o acelerador de mão e os pedais do leme, e conseguiu fazer com que virasse o avião para a esquerda até seguir na direção do aeroporto de Cheyenne.

– Qual o seu nome, senhora?

– Estou com medo – disse ela. – *Não vou conseguir!*

– Está brincando comigo. A senhora já está pilotando esse avião há cinco minutos e está se saindo muito bem. É só relaxar, ficar tranquila, fingir que é a comandante de uma companhia aérea.

– Fingir que sou o quê?

Ela tinha ouvido, mas não pôde acreditar no que aquela pessoa dizia.

– Esqueça tudo, menos que a senhora é a comandante de uma companhia aérea, a primeira mulher comandante que essa empresa já contratou, e que pilota há anos e anos. Está completamente à vontade nesse avião, feliz da vida. Pousar um Cessnzinho em um dia lindo como esse? Brincadeira de criança!

Esse homem está doido, pensou ela, mas ele é instrutor.

– Brincadeira de criança – repetiu ela.

– Isso mesmo. De qual brincadeira de criança a senhora gostava mais?

Ela o olhou pela janela direita do Cessna, com um sorriso confuso e perturbado; estou prestes a morrer e ele vem me perguntar de *brincadeira de criança*? De todos os resgatadores possíveis, eu dou de cara com um *maluco*? – Pular corda?

Ele sorriu de volta. Ótimo. Ela sabe que sou pira-

do, então agora precisa ser a sã da história – e isso significa manter a calma.

– Brincadeira de pular corda.

– Meu nome é Maria. – Como se ela soubesse que aquilo poderia fazê-lo voltar ao normal.

O aeroporto de Cheyenne despontou, uma faixa no horizonte. A quinze milhas de distância, sete minutos de voo. Em vez de escolher um dos aeroportos menores mais próximos, ele decidira pousar em Cheyenne por ter pistas compridas e ter ambulância.

– Por que não tenta empurrar esse acelerador de mão, Maria? A senhora vai escutar o motor; o barulho dele vai ficar mais alto, como já sabe, e o avião começará a subir, bem devagar. Empurre-o todo, agora, e vamos praticar uma subidinha aqui.

Ele queria lembrá-la da subida, é claro, para o caso de ela voar baixo demais na aproximação para o pouso. Queria que ela soubesse que estava segura nos céus e que empurrar o acelerador de mão seria a maneira de voltar a subir, quando ela quisesse.

– A senhora está indo bem, comandante – disse ele. – É uma piloto inata.

Então ele fez com que ela puxasse o acelerador de mão, e os dois desceram juntos até a altitude de tráfego.

A mulher ao seu lado olhou-o de seu avião.

Dois aviões quase se tocando no ar... e entretanto não havia nada que ele pudesse fazer para pilotar o avião por ela. A única coisa que tinha eram palavras.

– Estamos quase lá – disse-lhe ele. – Maria, a senhora está pilotando superbem. Só vire na minha direção de leve, por uns dez segundos mais ou menos, depois volte a estabilizar as asas.

Ela apertou o botão do microfone, mas não disse nada. O avião se inclinou para a direita.

– Está indo bem. Vou falar com a torre de comando em outro rádio. Não se preocupe, ficarei na escuta com a senhora neste aqui, também. Pode falar comigo na hora em que quiser, certo?

Ela fez que sim.

Ele ligou o rádio número dois na frequência de Cheyenne e chamou a torre.

– Alô, Cheyenne, aqui é o Cessna 2461 Echo.

O número da aeronave estava pintado na lateral do avião dela. Ele não precisava fornecer o seu próprio número.

– Seis Um Echo, prossiga.

– Seis Um Echo é um voo com duas pessoas que está em aproximação para pouso oito milhas a norte.

– Positivo, Seis Um Echo. Autorização para aterrissagem à esquerda na Pista Nove.

– Positivo – respondeu ele. – E o Seis Um Echo é um Cessna 182, piloto incapacitado. A passageira está pilotando o avião; estou voando ao seu lado, ajudando.

Houve um silêncio.

– Repita, Seis Um Echo. O piloto está o quê?

– O piloto está inconsciente. A passageira está pilotando a aeronave.

– Positivo. Pouso liberado em qualquer pista. Está declarando uma emergência?

– Negativo. Vamos usar a Pista Nove. Ela está indo bem, mas não custa deixar de prontidão uma ambulância para o piloto e um caminhão de bombeiros. Deixe os veículos atrás da pista de pouso, certo? Não queremos que ela se distraia com equipamentos seguindo ao seu lado durante a aterrissagem.

– Positivo, vamos manter os equipamentos atrás da aeronave. Atenção: todas as aeronaves na área de Cheyenne saiam, por favor, da área de tráfego do aeroporto, temos uma emergência.

– Ela está em Unicom, Torre, dois-dois-oito. Vou continuar falando com ela nessa frequência, mas escutando a sua.

– Positivo, Seis Um Eco. Boa sorte.

– Não é necessário. Ela está indo bem.

Ele voltou a sintonizar o rádio de novo em Unicom.

– O aeroporto está aí à sua esquerda, Maria – disse ele. – Vamos fazer uma curva grande e suave para alinhar com a pista. Bem suave, sem pressa. Isso é fácil para você.

Eles executaram um enorme padrão de pouso, com pequenas curvas vagarosas; o instrutor falava com ela o tempo todo.

– Bem, aqui, a senhora pode puxar o acelerador de mão, levar o manete abaixo da linha do horizonte, como fizemos antes, em uma descida bem fácil. O avião adora isso.

Ela assentiu. Se esse homem está tagarelando que os aviões adoram coisas, então provavelmente isso que estamos fazendo não é tão perigoso assim.

– Se não gostar dessa aproximação – disse ele –, nós podemos voltar a subir e fazer aproximações o dia todo, se quiser. Só que essa aqui está me parecendo ótima. A senhora está indo muito bem.

Ele não lhe perguntou quanto combustível ela ainda tinha.

As duas aeronaves foram suavemente para a esquerda, rumo à aproximação final; a pista corria bem à frente, concreto largo com sete quilômetros de comprimento.

– O que vamos fazer é tocar o chão de um jeito bem suave; vamos colocar uma roda de cada lado dessa linha branca comprida que está no meio da pista. Ótimo, comandante. Acelere só um pouco mais, empurre o acelerador de mão para a frente mais ou menos um centímetro...

Ela estava calma e reagindo bem agora.

– Traga esse acelerador para trás só um pouquinho. Por falar nisso, a senhora é uma piloto fantástica. É suave nos controles...

Ele se afastou alguns metros da asa dela enquanto os aviões desciam na direção do solo.

– Segure aí; voe direto para baixo em direção a essa linha do meio... pronto, muito bem. Relaxe, relaxe... mexa os dedos dos pés. A senhora está voando como um piloto veterano. Agora traga o acelerador um centímetro para trás... Leve o manche também para trás, uns oito centímetros. Ele vai parecer meio pesado, mas é assim mesmo que tem de parecer. Está lindo, a senhora fará um pouso fantástico.

As rodas estavam a um metro e meio da pista... um metro.

– Mantenha o nariz do avião para cima como está agora, e vá levando esse acelerador todo para trás, todo para trás.

As rodas tocaram a pista, uma fumaça azul de borracha saiu dos pneus.

– Perfeito – disse ele –, pouso perfeito. Agora pode soltar o manche, a senhora não precisará dele no solo. Manobre o avião com os pedais e deixe que ele siga até parar, aí mesmo na pista. Uma ambulância estará ao seu lado daqui a pouco.

Ele puxou o seu próprio acelerador de mão e o T-34 passou de rasante pelo avião dela, subindo.

– Ótimo pouso – disse ele. – A senhora é uma piloto e tanto.

Ela não respondeu.

Ele viu por sobre o ombro a ambulância correr pela pista atrás dela. O veículo desacelerou quando o avião desacelerou, depois parou, com as portas abertas. O caminhão de bombeiros, vermelho e quadrado, veio rodando atrás, desnecessário.

Enquanto a torre de controle tinha o suficiente para se ocupar, ele não disse mais nada. Em menos de um minuto o seu avião estava fora de vista, rumo a North Platte.

Os maiores mistérios são aqueles cujas respostas se encontram diante de nossos olhos.

As melhores soluções são aquelas para as quais, de repente, nos damos conta de que sempre soubemos a resposta.

**Criamos nossa própria realidade?
Ou apenas nossas próprias aparências?**

Do autor dos *best-sellers*
Fernão Capelo Gaiivota e Ilusões.

**Uma história de descobertas, compreensão
e expansão de horizontes.**

INTEGRARE
EDITORA

ISBN 978-85-99362-50-1



9 788599 362501